

A OBESIDADE INFANTIL ATRELADA AOS ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Giovana Smolski Driemeier

Universidade Federal da Fronteira Sul
E-mail: giovanadriemeier@gmail.com

Sandra Vidal Nogueira

Universidade Federal da Fronteira Sul
E-mail: sandra.nogueira@uffs.edu.br

Eixo 07: Ciências Humanas

RESUMO

Para a psicanálise, a personalidade, saudável ou não, de cada sujeito, depende do processo de constituição psíquica do mesmo. Considerando isso, o presente estudo tem como objetivo apresentar a obesidade infantil como atrelada aos aspectos psíquicos do desenvolvimento. Para tanto, elaborou-se um estudo qualitativo do tipo exploratório, realizado a partir do método bibliográfico documental. Encontrou-se que a obesidade infantil, como consequência do comer e da fome, deve ser tomada como um sintoma, uma manifestação discursiva do inconsciente, que surge como um apelo psíquico de resolução do conflito que o sujeito vive.

Palavras-chave: Constituição psíquica. Obesidade infantil. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

De acordo com a literatura psicanalítica a personalidade, saudável ou não, de cada sujeito, depende do processo de constituição psíquica do mesmo. Alguns autores (Lacan, 1999; Winnicott, 1988) apontam que o ambiente em que se insere a criança, tem grande importância nesse processo.

Denota-se que, inicialmente, é em um outro, denominado de função materna, que é o ambiente. Este outro, não necessariamente se trata de uma figura feminina, porém, por vias didáticas é denominado de função materna. Trata-se do personagem que desempenha as funções de cuidado para o infans (Winnicott, 1988).

Quando algo não vai bem, a criança pode desenvolver algum sintoma, no intuito de lidar com esse processo. A obesidade infantil parece ser uma dessas situações. Considerando isso, o presente estudo tem como objetivo apresentar a obesidade infantil como atrelada aos aspectos psíquicos do desenvolvimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem metodológica empregada no presente estudo é qualitativa, de acordo com Minayo (1994), pois aborda uma realidade não quantificável, classificada como exploratória, que de acordo com Gil (2008) tem como desígnio possibilitar uma maior familiaridade com o tema, no intuito de torna-lo mais claro e a partir disso construir hipóteses. Como procedimento de coleta de dados foi utilizado o método bibliográfico documental. Por último, a análise dos dados foi empreendida realizando a articulação entre os textos clássicos da teoria psicanalítica e autores contemporâneos que abordam a problemática da obesidade infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao nascer, a criança encontra-se em um estado de imaturidade orgânica e psíquica, e por isso, precisa de um outro ser humano que lhe dedique cuidados e aposte nele, que acredite que ele poderá realizar sozinho aquilo que por ora alguém faz por ele (Arantes; Ferreira, 2014).

Enquanto a função materna supre as necessidades fisiológicas do bebê, ela supõe que este lhe demanda algo. Vai então, ofertando ao bebê o que ele supostamente deseja e estabelecendo diálogos que imergem o infans no seu discurso. O bebê, que nesse período inicial, é como um “receptáculo” e absorve o mundo pelo seu sistema perceptivo, vai inscrevendo as vivências por meio de marcas mnêmicas. Os prazeres iniciais são vivenciados pela oralidade, a primeira mamada, por exemplo, marcará um prazer excessivo que será sempre buscado, a qual deixa como marca uma falta que buscará ser tamponada com diferentes objetos no decorrer da vida (Arantes; Ferreira, 2014). As marcas mnêmicas das primeiras experiências de satisfação darão origem a pulsão, como a exigência da satisfação perdida.

Neste período, a criança e esse cuidador, vivem uma relação de completude. A criança encontra-se em uma posição de ser aquele que supostamente tampona a falta, mas em contrapartida, encontra-se em um estado de alienação, à mercê do desejo da mãe (Lacan, 1999).

Com o tempo, no entanto, a mãe volta aos seus interesses usuais, desviando-se um pouco do seu filho. O social vai se inserindo e novas pessoas, como por exemplo o pai, passam de forma mais efetiva, a fazer parte dessa relação. Nesse momento, o infans percebe que só ele não basta, existe algo que falta à mãe e que a faz olhar para outros lugares. A relação de completude é cortada, pelo que Lacan (1999) denominou de Metáfora do Nome do Pai.

O fato de a mãe desejar outras coisas, faz com que a criança perceba que existe uma falta, que não é possível viver nessa relação dual apenas, e que ela também deseja outras coisas que não apenas a mãe e o que esta pode lhe oferecer. Na medida que a mãe não responde mais plena-

mente as demandas da criança, a mesma vai se introduzindo na realidade e entrando na linguagem, se assim escolher (Aragao E Ramirez, 2004).

Essa escolha, de que se fala, trata-se de permanecer sendo o falo, vivendo em uma relação simbiótica com a mãe, ou de sair dessa posição e poder ser um sujeito uno, atravessado pela linguagem. Todo e qualquer sujeito vai se defender desse corte, elegendo algum tipo de sintoma que lhe permita dar conta desse acontecimento (Lacan, 1999).

Caso o sujeito se defenda com o recalçamento (separação da ideia ou representação da pulsão, mantendo-a afastada, no inconsciente) se insere no plano da realidade, e com isso tem-se a instauração do significante primordial (Aragao E Ramirez, 2004). Esse corte origina o inconsciente, recalçando a relação anterior, com a função materna. O corte também propõe a existência do simbólico. A mãe se torna objeto da falta. Se essas movimentações acontecerem, o sujeito se percebe faltante e tenta buscar a obstrução disso em objetos imaginários (Lacan, 1999). O alimento, muitas vezes toma o lugar de um desses objetos, sendo ingerido na busca de aplacar essa falta, esse vazio tão duramente sentido. O que o movimenta nessa busca, é a pulsão, esta, se trata de uma carga de energia, proveniente da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente uma manifestação da falta, daquilo que não é realizado e que movimenta o sujeito em sua experiência de viver (Roudinesco, 1998).

Assim, infere-se que a subjetividade do sujeito se constitui na experiência com outro ser humano, que investe e aposta em sua existência e desenvolvimento. Esse processo, no entanto, pode se mostrar particularmente difícil, especialmente em alguns casos. Nestes, a criança pode desenvolver sintomas psíquicos, para dar conta dessa relação, que horas pode ser engolfante ou deter outros percalços (Quinet, 2011). Além disso, considerando que a nossa constituição psíquica e do inconsciente se dá as voltas da linguagem, se torna mais fácil compreender como o discurso parental influência diretamente nos sintomas de cada sujeito.

A obesidade infantil, como consequência do comer e da fome, deve ser tomada como um sintoma, uma manifestação discursiva do inconsciente, que surge como um apelo psíquico de resolução do conflito que o sujeito vive. Além disso, pode ser percebido como uma forma de assujeitamento da criança, como que, voltando ao primeiro tempo da constituição, quando se encontrava alienado ao desejo da mãe (Oliveira; Martins, 2012).

Trata-se de uma busca pulsional pela satisfação vivenciada nesses primeiros momentos da vida, quando a maior fonte de prazer era oral, pelo ato de alimentar-se com o leite materno. Nesses momentos, frente a manifestações de desconfortos, a mãe oferecia o peito ao bebê, no decorrer da vida, ao mero sinal de aflição as marcas mnêmicas dessa satisfação são rememo-

radas. Visando aplacar a angústia busca-se então objetos, nesse caso alimentos, que possam ofertar tal satisfação, ou seja, na obesidade, tem-se a ilusão de através de um corpo satisfeito pelo exagero, estar-se plenamente satisfeito (Varela, 2006).

Nessa linha, é válido considerar a formação do sintoma da obesidade na infância como uma tentativa de resolução dos conflitos que ficaram de seu processo de constituição psíquica. Trata-se de uma tentativa, inconsciente, de permanecer ligado a mãe, mesmo que pela repetição da satisfação que se obtinha quando o processo de alimentação era pelo leite materno. Assim sendo, na dificuldade da separação com a mãe e na impossibilidade da expressão pela linguagem, é no sintoma que se manifesta o que se tem a dizer (Oliveira; Martins, 2012).

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados expostos, é possível inferir que a constituição psíquica do sujeito se dá na relação com um outro, semelhante, que investe e aposta na criança. Podem ocorrer, no entanto, atravessamentos nesse processo, que desencadeiam formações sintomáticas, como parece ser o caso da obesidade infantil. Trata-se de uma tentativa, inconsciente, de deliberação dessas problemáticas. Estudos desse tipo são importantes pois abordam os conceitos base da psicanálise, propondo articulações com temas emergentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento para o programa de bolsas da CAPES pelo financiamento da bolsa de pós graduação.

REFERÊNCIAS

ARAGAO E RAMIREZ, Heloísa Helena. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental, Barbacena**, v. 2, n. 3, p. 89-105, nov. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 jul. 2022.

ARANTES, Juliana, Miranda, Castro; FERREIRA, Deborah, Melo. Câncer e corpo: uma leitura a partir da psicanálise. **Analytica**, São João del-Rei, v. 3, n. 5, p. 37-7, jul-dez 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v3n5/v3n5a04.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Fabiana Azeredo de; MARTINS, Karla Patricia Holanda. Implicações subjetivas da relação mãe-criança nos quadros de obesidade infantil. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 122-135, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jul. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

VARELA, Ana Paula Gramacho. **Você tem fome de quê?**. Psicologia: Ciência e Profissão. 2006, v. 26, n. 1, p. 82-93. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100008>. Acesso em: 23 Junho 2022.

QUINET, Antônio. **Teoria e Clínica da Psicose**. 5 ed. Rio de Janeiro: Copyright, 2011.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.